

Da crise à superação: limites e possibilidades para a transição ao comunismo

Dauto J. da Silveira¹

Entrevista com o Prof. Dr. Idaleto Malvezzi Aued²

O Professor Dr. Idaleto Malvezzi Aued é graduado em Economia pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Economia Rural (C. Grande - PB) pela Universidade Federal da Paraíba (1980), doutor em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1996) e Pós-doutorado em Sociologia pela UNESP – Araraquara (SP) - (2005). Aposentado como professor DE – Titular -, da Universidade Federal de Santa Catarina, do Departamento de Ciências Econômicas, desde 02/03/2009 e atualmente vinculado como professor colaborador ao Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina. Aqui, nesta entrevista, ele nos apresenta a sua tese de pós-doutoramento, a sua apreensão sobre a crise mundial e aponta as tendências, ou melhor, os elementos produzidos nos interior da sociedade burguesa para a constituição de uma sociedade do vir a ser, comunista.

Cumpramos ressaltar, antes de entrarmos na entrevista, que consideramos que a sociedade atual tem abandonado as reflexões onde o objeto investigativo contemple todo o desenvolvimento historicamente produzido até a atualidade. Muitas vezes, discutir sobre uma sociedade, para além do modo de produção capitalista, é pensar em soluções idealista, algo fora do nosso mundo, é rechaçar todas as alternativas já encontradas pelo capital, o que no horizonte do comunismo torna-se um equívoco teórico. “O socialismo não existe em uma sociedade de miséria” (Aued, 2009³). Portanto, de acordo com as reflexões de Karl Marx, o

¹ Mestre em Sociologia Política, PPGSP/UFSC. Professor do Curso de Comunicação Social no Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina. E-mail: dauto.silveira@ielusc.br

² A presente entrevista foi realizada no escritório do Prof. Idaleto Aued em Florianópolis no dia 06 de novembro de 2009.

³ AUED. Idaleto Malvezzi. *Da crise à superação: limites e possibilidades para a transição ao comunismo*. Revista Em tese. UFSC. 2011.



comunismo assentar-se-á sobre os escombros do modo de produção capitalista e o seu desenvolvimento terá como fundamento as conquistas históricas da sociedade pretérita.

Dauto: Você afirmou, em 2004, no seu relatório de Pós-doutoramento⁴, “que a marca do nosso tempo é a impossibilidade de os homens em geral, assalariados e capitalistas, reproduzirem-se sob o manto do salário e do lucro, como foram outrora... “Poucas são as evidências de que são possíveis novas formas de produção e reprodução da vida humana para além do capital.” (p.2). Esta tese ainda é válida para os dias atuais?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Mais do que anteriormente. A tese que eu tenho defendido é a de que a experiência de construção das sociedades superiores à capitalista, no caso específico a da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a da China e a de Cuba, não construíram, não se efetivaram como sociedades superiores à capitalista, embora apresentasse muitos elementos que pudessem ser consideradas. No entanto, a sociedade capitalista está em um caminho que eu chamo de “processo degenerativo”; degenerativo no sentido de os homens produzirem a sua existência. As formas que estão a se degenerarem são duas, e somente duas: salário e lucro. Os capitalistas, os proprietários privados dos meios de produção, se apropriam da riqueza na forma de lucro, ou melhor, dizendo, se apossam da riqueza na forma de lucro, nas suas múltiplas variações, e quem não são proprietários privados dos meios de produção, no caso específico os assalariados, se apropriam da riqueza na forma de salário. Estas formas que na humanidade amadureceram, alcançaram sua plenitude, no início do século XIX, na Europa Ocidental, já não têm dado conta de atender as necessidades de vida de muitas pessoas do globo terrestre. Haja vista que o próprio mecanismo de distribuição da riqueza no mundo atual tem passado por vias de políticas públicas, como exemplo temos a renda mínima para o cidadão, as aposentadorias, os

⁴ AUED. Idaleto Malvezzi. *Alienação, divisão do trabalho e manufatura em Karl Marx: ou de como libertar o trabalhador do trabalho*. Programa de Pós-graduação em Sociologia, UNESP, Dez-2004. (Rel. de Pós-Doutorado).

benefícios individuais dos impossibilitados ao trabalho, tal como a bolsa família, o Programa Fome Zero do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em que a partição da riqueza se faz por critérios sociais, para além do lucro e do salário. Também você pode assistir a distribuição da riqueza por processos universais como os planos de saúde do governo brasileiro, o SUS; nestes casos você não precisa ter salário ou lucro para se apropriar desta riqueza. A educação, principalmente a primária, também é um direito humano que independe da condição de salário ou do lucro, na atualidade. O que nós assistimos, então, é um processo histórico em que a sociedade para se reproduzir tem buscado formas em que não se fundamenta mais no salário e no lucro na reprodução da existência dos homens. Então, a tese que eu defendi no meu pós-doutoramento de que os homens no mundo capitalista já não conseguem se produzirem nas formas que o faziam outrora encontra evidências no mundo empírico hoje, não é uma questão teórica, mas, sim, de vida real. Reafirmando, então, salário e lucro não dão mais conta de os homens se produzirem na atualidade capitalista. Mas historicamente não se têm formas novas de uma sociedade superior à capitalista, por isso que a tese lá levantada e debatida é ainda válida para os dias atuais, ou seja, vivemos em um espaço transitório do capitalismo ao comunismo.

Dauto: Eric Hobsbawm, recentemente publicou em um artigo⁵ que o século XX foi marcado por dois tipos de economia: a do "'Socialismo', identificado com economias de planejamento central de tipo soviético, e o "Capitalismo", que cobria todo o resto". O primeiro tipo pretendia tirar do meio do caminho as empresas privadas interessadas nos lucros (o mercado, por exemplo) e o outro tipo pretendia libertar o mercado de toda restrição oficial. Segundo ele: "Ambas as tentativas de viver à altura dessa lógica totalmente binária dessas definições de "capitalismo" e "socialismo" faliram. Portanto, o que nós assistimos, especialmente depois do fracasso da URSS, foi a recomposição do capital social globalizado. Hoje,

⁵ HOBBSAWN. Eric. O Leste: qual futuro depois do comunismo? Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=26471. Acesso em: 15/10/2009 às 15h e 30min.

é possível falar de transição para uma sociedade socialista no interior do capitalismo pela via da reprodução material da vida dos homens?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: É, a afirmação de Hobsbawm, para mim, parece problemática. Eu não vi o século XX com esta condição binária: do mercado versus planejamento, como se fosse a sociedade capitalista de mercado anárquica e a sociedade socialista, mormente a da URSS, de planejamento centralizado. Eu colocaria a questão de forma um pouco diferente. Eu diria que a sociedade soviética foi uma experimentação, a primeira que a humanidade fez, sem saber o que seria uma sociedade do futuro, na busca da superação do modo de produção capitalista. Quando ela se iniciou, no século XX, idealizava-se, em especial os revolucionários da Rússia, que aquele início em 1917 da revolução Bolchevique seria o estopim da revolução comunista mundial, mormente na Europa Ocidental, o que não se concretizou. Este estopim não se efetivou, por conseguinte, a Rússia, depois a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, teve que construir uma sociedade nas condições de luta de classes posta do século XX, que não lhe eram tão favorável, mesmo assim conseguiu construir uma sociedade que fez frente ao nazi-fascismo, que desenvolveu uma potência econômica social mundial, que fez frente aos países mais avançados do mundo capitalista e que proporcionou aos trabalhadores do mundo capitalista reivindicar e obter conquistas que se não houvesse a URSS não teria sido possível. Então, o diagnóstico da estrutura binária, que o Hobsbawm apresenta, eu tenho dificuldade em aceitar. A segunda parte da questão por você levantada, Dauto, de que o capitalismo engendra a possibilidade de uma nova sociedade é a tese à que eu me vinculo teoricamente. Penso que ela tem fundamento nas formulações de Karl Marx e Friedrich Engels. O socialismo, comunismo, como sociedade superior à capitalista tem por base material o desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção engendrados no interior da sociedade capitalista. Então, a única criação e produção na sociedade capitalista, que é o pressuposto da sociedade socialista, comunista, superior a capitalista, é o desenvolvimento de uma capacidade produtiva, de uma força produtiva fantástica assentada na produção ilimitada da riqueza material, na ciência, isto é, na união universal de todos os homens e nas relações sociais delas

derivadas. Esse é o elemento que vai criar a base material para uma sociedade superior à capitalista. Socialismo, comunismo, não existe em uma sociedade de miséria. Este foi o grande aprendizado do século XX, todos os países, todos os povos, que tentaram implantar um regime social socialista, comunista, aonde as forças produtivas naqueles locais eram precárias em relação à sociedade burguesa madura, isto é, sociedades assentadas na produção da grande indústria moderna, fracassaram. Então, esse é um pressuposto, fundamento, o que significa dizer, reafirmo, que a sociedade socialista vai sair do desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção postas pela sociedade burguesa, o que significa dizer que a sociedade socialista tem que ter uma base engendrada, produzida, criada na sociedade capitalista que é o livre desenvolvimento das forças produtivas. Nesse sentido, então, eu tenho afirmado, com base em Marx e Engels, que a sociedade socialista pressupõe a sociedade capitalista, sem a qual é impossível pensar em uma sociedade comunista, eis o princípio do socialismo científico.

Dauto: Para você, o século XXI será o século do ciclo revolucionário? Qual o papel dos movimentos alternativos (MST, Chiapas, etc.) e dos governos latino-americanos, chamados socialistas bolivarianos como a Venezuela, a Bolívia e o Equador, para esta transição?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Olha, Dauto, eu agora prefiro me vincular a Hobsbawm. Em uma palestra dele, a que eu tive a oportunidade de assistir aqui em Florianópolis na década de 1990, ele afirmara que o século XXI será um século terrível. Terrível, porque a humanidade na busca de resolver os problemas colocados no século XIX não encontrou alternativas na sociedade burguesa, e nem numa outra superior a ela, ainda. Não há assim uma perspectiva, pelo menos empiricamente, não teoricamente, mas, repito, empiricamente, de uma sociedade alternativa, nem mesmo a chinesa hoje se apresenta como uma sociedade alternativa para os homens em geral, para a universalidade humana. Então, eu prefiro, ainda pelo empírico, dizer que o século XXI é um século que pode se constituir em um século terrível à humanidade, um século da degeneração, um

século em que o desespero de os homens encontrarem uma alternativa para a vida posta, pode se tornar um século violento. Não que caminhamos para uma Terceira Guerra Mundial, mas, sim, para muitas e constantes guerras individuais localizadas. O desespero dos homens nas várias partes do mundo, o desespero dos homens nas cidades em que alguns detêm uma magnitude de riqueza muito elevada, enquanto que uma gama, também elevada, de pessoas não dispõe do mínimo necessário para sobreviver. E aí, esses homens miseráveis encontram alternativas, principalmente, no narcotráfico, na prostituição, mesmo as sociedades empresariais, os homens das empresas, que dá formato à sociedade burguesa, se prostituem na busca de reprodução de suas unidades, através dos vínculos deletérios com os governos, com as famosas falcatruas, corrupções, favorecimentos, guerras sem sentido aparentes, mas que tem por trás os interesses econômicos, Então, o século XXI me parece que é mais um século de desespero da humanidade, um século que passaremos a ter guerras localizadas, conflitos localizados do que um século revolucionário. Mas, o homem não morre ajoelhado, eles não esperam as coisas acontecerem, eles lutam por alternativas sem saber o que é o futuro. Nós, seres humanos, não sabemos como se constituirá a humanidade pós-capitalista, nós temos algumas idéias indicadas pelos capitalistas, mas não sabemos como engendremos e organizaremos a vida no futuro. Nós nos movemos para resolvermos nossos problemas presente nas condições dadas historicamente e não por uma sociedade idealizada. Destarte, a tendência de um século sem revoluções pode ser mudada pela ação dos homens.

Por sua vez, a experiência de “Chiapas” foi rica, como experimento humano, no fim do século XX, principalmente para um povo oprimido, um povo sofrido, como todo povo pré-colombiano em toda a América e que deu um grito de desespero e buscou uma alternativa de se reproduzir como seres humanos, como pessoas que não queriam mais ser sacrificadas, exploradas. Mas a experiência de “Chiapas” foi localizada, não se constituiu uma alternativa aos homens de forma geral, como uma universalidade. Ela teve o apoio de grande parte da humanidade, a humanidade ficou atenta ao que estava acontecendo, principalmente no México, mas não foi capaz de produzir alternativas aos homens para além do capitalismo. O mesmo eu posso dizer do MST do Brasil, que luta para encontrar formais

diferentes do lucro e do salário para se produzir, que é o movimento mais importante que nós temos hoje empírico, creio que no mundo, de resistência à acumulação de capital, reproduzindo uma experiência fantástica de política. Mas as propostas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Brasil também está restrita à especificidades do agrário brasileiro, do campo brasileiro, elas não conseguem, essas experiências, indicar, principalmente para o setor urbano, para os trabalhadores de uma forma geral, para os operários, para os assalariados, alternativas de construção de uma nova sociedade. Então, assim como Chiapas, a experiência de construção de um modo de vida diferente proposto e experimentado pelos companheiros do MST é incapaz, insuficiente, de ser universalizado. Porque o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra é um movimento específico, não universal, vamos dizer assim, difícil de universalização de uma nova forma de produzir a vida.

Os movimentos que nós estamos assistindo nos países da América Latina, mormente o da Venezuela, sem falar o de Cuba, o da Bolívia e o do Equador, são ainda muito incipientes, são precários, me parece mais vinculados às intenções de uma alternativa ao capitalismo, mas não têm dado mostras na base da produção real da vida das pessoas que sejam um caminho possível para a superação do modo de produção capitalista, da sociedade burguesa. Evidentemente que nós temos que apoiar esses movimentos, apoiar esses países na luta da superação da ordem vigente. Veja o que ocorreu recentemente na Colômbia, os Estados Unidos da América do Norte implantaram as sete bases militares para garantir a reprodução da sociedade capitalista, mas houve muita resistência por parte dos países sul americanos, principalmente Venezuela, Bolívia e Equador. Mas, eu não consigo compreender e visualizar, nestas experiências, uma alternativa à humanidade. Como que você observa isso? Na perspectiva dos jovens. Quantos jovens saem do Brasil para ir à Bolívia? Quantos jovens saem do Brasil para ir ao Equador? Quantos jovens saem para ir à Venezuela resolver os seus problemas de vida? Elas não oferecem estas possibilidades, ao contrário. Hoje, o Brasil, na América do Sul, oferece mais oportunidade para os jovens daqueles países produzirem as suas vidas do que o inverso. É diferente, por exemplo, dos Estados Unidos, do Japão, da Inglaterra, de Portugal, da Espanha, da Alemanha, onde os

nossos jovens por não encontrarem alternativas de ter uma vida adequada no Brasil se deslocam para esses países para encontrar emprego ou poder produzir a vida de forma mais satisfatória.

Dauto: Alguns cientistas sociais⁶ afirmam que a crise que vivemos atualmente, além de se manifestar como uma crise econômica é uma crise civilizatória, ou seja, uma crise que manifesta a impossibilidade mundial de um padrão de civilização. As combinações de problemas são tão graves que nos atentam para uma catástrofe mundial, de todas as ordens. Para além de uma crise meramente econômica nós temos uma crise ambiental. Passados um pouco mais de um ano da última crise do modo de produção capitalista, quais são os resultados para humanidade?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Olha, nós temos uma padrão de civilização, que está se universalizando, que é a civilização burguesa e que é a primeira forma universal de os homens produzirem a vida. Esta é uma virtuosidade do modo de produção capitalista e que está se chocando com os modos particulares da forma de produzir vida precedente à capitalista. Então, eu não vejo um choque de civilização. Eu vejo um obstáculo à ampliação e ao desenvolvimento da universalização dos homens. Qualquer homem poder ir a qualquer lugar, se encontrar e se comunicar com qualquer pessoa do mundo inteiro, independente da sua condição filosófica, religiosa, nacionalidade, etc.. Então, não vejo uma crise da civilização. Eu diria que a enorme riqueza excedente produzida pelo modo de produção capitalista se transforma em meios de produção como propriedade privada de uma classe social para se apropriar privadamente da riqueza produzida pela outra classe social. Então, você produz para produzir, você não produz para satisfazer as necessidades de todas as pessoas, você produz para acumular, para acumular privadamente a riqueza, pela classe chamada capitalista, isto tem levado a uma produção de riqueza exorbitante e utilizando os recursos naturais de uma forma ávida pelo lucro, pelo capital. Isso tem criado no século XX uma destruição da natureza em uma velocidade jamais vista pela humanidade, o que vem dando na chamada crise

⁶ Essa tese, no Brasil, é defendida por intelectuais como: Giovanni Alves, Michael Lowy, entre outros.

ecológica. O que está posto? Qual é a questão? A questão é que os homens, independentes das suas posições que assumem na sociedade, estão tomando consciência que estão destruindo a sua própria vida, porque a natureza é o corpo do próprio homem. Ele está tomando consciência a duras penas deste fenômeno. A humanidade coloca o problema e está vendo que o padrão de vida que nós construímos na sociedade burguesa é impossível de se reproduzir ampliada e eternamente. Quanto mais ele produz riqueza excedente como capital mais problemas ele está criando e ele precisa resolver esta contradição. Nós já experimentamos a destruição das baleias, das tartarugas, de algumas espécies de madeira, de animais. Independente da posição política, da ideologia, das classes social, é um problema que nós temos que resolver, nós criamos o problema e nós temos que resolvê-lo, digo, nós seres humanos. É assim que o homem está tomando consciência de que ele é fruto de sua própria atividade na produção da sua existência. Que ele produz coisas para resolver a sua existência, mas ao mesmo tempo ele tem que resolver os problemas por eles engendrados, e os homens são os responsáveis para resolver isso. O conflito, então não é um conflito de civilizações. O conflito manifesta-se para mim da seguinte forma: os homens resolvem as questões levantadas do passado, encontram soluções, mas ao encontrarem soluções para resolver os problemas do passado, criam problemas de outro tipo e assim caminha a humanidade, geração após geração. Com a Revolução Industrial Inglesa do século XVIII para o XIX, nós criamos uma base produtiva assentada na grande indústria moderna, na máquina-ferramenta automática, criamos um volume de riqueza inimaginável outrora que tem criado problema. Verifica-se que a quantidade de carros individuais, que é um volume de riqueza fantástico, tem causado problemas. Hoje para a humanidade os carros têm se apresentado como transtorno. Então, resolve-se o problema pela superação do transporte individual; o automóvel superou o cavalo, mas agora nós estamos encontrando um problema do “novo tipo”, ou seja, o nosso problema não é o limite imposto pelo cavalo. O nosso problema agora é o excesso de automóveis individuais privados. Daqui a pouco nós teremos que criar outro mecanismo de transporte superior ao transporte individual, ao automóvel individual. É assim que a humanidade se põe problemas, mas quando ela se põe problemas ela já dispõe de

soluções. Nós já sabemos que a superação do transporte individual é o transporte coletivo social. E assim toda a natureza. Voltando então à questão para fechar. Não vejo uma crise de civilização, vejo um momento histórico de os homens terem produzido uma riqueza tão grande que resolveu teórica e empiricamente os problemas de outrora, os limites pretéritos, mas que agora impõe novos limites que os homens têm que superar. E só podem superar dadas as condições existentes, e as condições existentes são as do modo de produção capitalistas, o obstáculo à universalização de todos os homens. Portanto, o modo de produção capitalista é o obstáculo para a ampliação da universalidade, eis a crise.

Dauto: Você poderia nos explicar o que você chama de “Espaço Transitório”?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Pelo que eu tenho apresentado, inclusive nessa conversa, Dauto, a base é exatamente bastante simples, o espaço transitório é porque o velho não dá mais conta e o novo ainda não se apresentou como alternativa à vida burguesa. Então, eu tenho afirmado que a gente deixa de ser, mesmo que sem a ruptura definitiva, o que era, mas ainda não construímos o espaço do que seremos, este intermezzo é o espaço transitório. Na vida real como isso se apresenta? É que nós temos uma base assentada na produção material da nossa existência, produção social e apropriação privada da riqueza. Eu como assalariado sou um indivíduo, eu tenho uma carteira profissional individual, no caso brasileiro, e vendo a minha força de trabalho individualmente. O capitalista também é individual. Então a sociedade está estruturada no assalariado e no capitalista, ambos individuais. Toda estrutura da sociedade, então, é individual. Esse individual é que se põe como questão, como forma de produzir a vida. Por que ele se põe como questão? Porque cada vez mais aquilo que eu chamei, anteriormente, de universalidade apresenta-se como coletivo, ou seja, cada vez mais a base produtiva assentada na grande indústria moderna conecta todos os homens em todos os lugares e hoje mais do que nunca um indivíduo, esteja ele em qualquer parte da terra, não produz mais sua existência sozinho com o fruto do seu próprio trabalho. Qualquer coisa que você vê dentro desta sala, você vai ver que é fruto do trabalho da humanidade. Nós estamos conectados com o trabalho dos

produtores diretos do mundo inteiro, através do trabalho social, então o capital permitiu esta ligação, este nexos, esta relação entre todos os homens pelo processo do trabalho social. O computador é a síntese disso, a internet é o exemplo mais evidente da conexão entre todos nós, o avião jamais pode ser imaginado como fruto do camponês, de um trabalhador individual. Em um avião, hoje, está contido o conhecimento humano pleno, de toda a humanidade. Se você pegar qualquer exemplo, um computador, uma máquina de filmar, um celular, um aparelho médico de exames clínicos, estão contidos todos os conhecimentos da humanidade em todos os tempos e lugares. Então, eu tenho uma base de conexão entre os homens que eu chamo conexão social, ao contrário da estrutura da sociedade capitalista que é individual. Por conseguinte o que nós vamos assistindo durante o desenvolvimento dos séculos XIX e XX é uma vida cada vez mais socializada. Por exemplo: uma coisa que mais mexe com as pessoas é a educação dos filhos. Se você tem hoje um filho, cuja educação no passado era eminentemente familiar, com os vizinhos, com o pai, mas principalmente a mãe que educava os seus filhos, hoje uma criança ao nascer é educada socialmente, através da creche, da escola, da televisão, através da internet e etc.. O pai e a mãe, mas fundamentalmente a mãe, já não têm aquele predomínio sobre a educação. Por quê? Porque a educação é a universalidade das coisas. Se você tomar como exemplo a medicina, a cultura, o transporte, ou qualquer elemento concreto da vida real do homem, você vai ver que está sendo organizada socialmente. Este social que eu chamo de transitoriedade e ela vai superando, destruindo, as características individuais, locais. Então, os exemplos que eu trabalhei anteriormente, a aposentadoria, a vacina aplicada nas crianças e nos idosos aqui no Brasil são evidências de que os elementos da vida burguesas, individuais, privados, estão sendo superados pelo social. Um exemplo emblemático foi quando José Serra era ministro da Saúde e tinha a questão de produzir remédios para ajudar os aids, os soros positivos de HIV. Os laboratórios internacionais criavam obstáculos para a produção destes medicamentos, principalmente na Índia e no Brasil, face à redução de seus lucros. O governo brasileiro quebrou a patente. Por quê? Porque a distribuição destes remédios pode ser feita de acordo com a necessidade das pessoas, não de acordo com o lucro dos capitalistas e salários dos trabalhadores. Então, se produz

remédios para satisfazer as necessidades das pessoas. Este é um exemplo típico de uma forma transitório que nós estamos construindo no capitalismo. Nós produzimos e distribuimos de acordo com as necessidades das pessoas e não de acordo com os lucros dos capitalistas ou dos salários dos trabalhadores assalariados. Isso eu chamo de transitoriedade. Nós já temos dados empíricos na sociedade capitalista de que é possível nós produzirmos e distribuirmos a riqueza em função daquilo que as pessoas necessitam para produzir a sua existência de forma humanamente adequada, isto é, superior à capitalista. Com isso, nós estamos problematizando que a sociedade humana produz e distribui a riqueza de acordo com o salário e lucro. Assim como, historicamente, a produção e a distribuição da riqueza de salário e lucro superaram a produção escravagista e a feudal; a forma comum, a forma socialista, a forma comunista será a forma superior a do salário e do lucro. É neste sentido que eu chamo de transitoriedade.

Dauto: Então, nós podemos dizer, Prof. Idaleto, que a sociabilidade entre os homens, com base na universalização é o que tem de novo na sociedade capitalista?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Veja, Dauto, o homem só é homem em sociabilidade, a primeira estrutura humana, do homem ainda rude, primário, no sentido do homem natureza, do homem animal foram os grupos, depois as comunidades primitivas, as famílias, as tribos, passando pelas formas asiáticas de produção, passando pela escravidão, passando pelos feudos, até chegar ao homem social estado. Hoje o homem social é um homem mundializado, ou globalizado como queiram, é o que eu chamo de homem universal. O modo de produção capitalista é primeira forma em que a sociabilidade humana se universalizou. O que dá estrutura não é a família, não é a comunidade, não é a tribo, não é o comunismo primitivo, não é a religião; a universalidade é que todos os homens se põem em conexão uns com os outros pela base produtiva, pela base material de produção da existência humana. No entanto, o que para nós marxistas é fundamental é que até o advento da sociedade burguesa, a sociabilidade dos homens se fazia por tradição, por costumes, por sangue, pela família, pela religião, pelo mito, pela violência, etc..

Chegou um momento em que o nome dizia muita coisa, o sobrenome dizia muito mais; ou o sobrenome de um feudo, ou o sobrenome de um lugar, o sobrenome unia as pessoas, a religião unia as pessoas, a crença unia as pessoas. O modo de produção capitalista vai superar isto, a dialética chama de negação, a superação no sentido da negação, da absorção, da transcendência. De que forma? O modo de produção capitalista vai criar uma unidade entre as pessoas, um nexos, relação entre as pessoas pela base produtiva, pela materialidade da vida. Então, um exemplo clássico é o transporte, o primeiro grande exemplo, de que você une as pessoas, independente das pessoas que estão juntas, saberem quem é o outro que está ao teu lado, o que faz o outro, é a estrada de ferro. A primeira grande base produtiva que traz homens comuns, independente se é religioso, de onde vem, para onde vai, é a estrada de ferro. O exemplo clássico hoje: da estrada de ferro é o avião, é o transporte de avião. Une as pessoas independentemente de quem entra no avião, de quem está ao teu lado. Essa materialidade que o modo de produção cria é que dá essa universalidade aos homens, então esta é a sociabilidade posta. O modo de produção capitalista socializa os homens, independente dos desejos, das vontades, das ideologias dos homens. Une os homens por uma materialidade. A eletricidade é outro exemplo fantástico de universalidade que une os homens e que transformam os homens em iguais. No estado de Santa Catarina, em todas as nossas casas, entra a potência da eletricidade de 220 volts. Todos os nossos equipamentos são iguais, independente da casa, independente da crença das pessoas, nos une como consumidores de aparelhos eletro-eletrônicos 220 volts. Então, esta materialidade nos une e nos transforma, nos põem como iguais, comuns. Essa é a sociabilidade que Marx e Engels vão constatar que, independente das formas de desejo, de tradição, de costume, os homens estão conectados aos outros homens pela materialidade. A sociabilidade nossa é fundada na base produtiva. E a base produtiva desta universalidade é a grande indústria moderna. Qual é o passo seguinte? Aí entra a questão da transitoriedade. É que essa sociabilidade criada pela materialidade da nossa vida, das coisas que produzimos, de como produzimos, nos liberta para um salto histórico à ampliação da universalidade humana. Significa que podemos, agora, nos unirmos de outro tipo: pela nossa independência, pela nossa individualidade e pela nossa consciência. Nós

podemos nos unir agora não em função da nossa necessidade de vida material, mas pela nossa liberdade de sermos cantores, de sermos pescadores, de sermos esportistas, de sermos poetas. Nós podemos estar agora unidos pela liberdade de nos transformamos em seres humanos, pelas nossas convicções pessoais, pelas nossas buscas e não pelas necessidades materiais de satisfazer a nossa fome, moradia, transporte, remédios, etc.. O capital é, agora, o limitante da expansão desta universalidade superior embora tenha sido seu pressuposto.

Dauto: Um dos aspectos mais expressivos da última crise mundial foi demissão de milhares de trabalhadores em todo o planeta. Somente nos Estados Unidos foram quase 7 milhões de trabalhadores e a previsão é que em 2010 teremos mais 500 mil demitidos. A sociedade do “novo tipo”, do “vir a ser” será a sociedade do tempo livre? A tendência é que o trabalho assalariado tende a desaparecer? Sobre isso, o sociólogo da UNICAMP, Prof. Dr. Ricardo Antunes, menciona que uma nova sociedade deve ser construída pressupondo um novo tipo de vida para além do trabalho formal⁷. Você concorda com isso?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Eu concordo e discordo ao mesmo tempo do Ricardo Antunes. Porque ele qualifica o trabalho, o trabalho formal ele está chamando de trabalho assalariado. Por tudo que eu tenho apresentado em decorrência das leituras que eu faço, fundamentalmente de Karl Marx, é que o trabalho será uma questão resolvida para a humanidade no pós-capitalismo, assim como o mito, a religião, a escravidão, a servidão, etc. foram resolvidos (superados) pela sociedade burguesa. O que o modo de produção capitalista criou para a humanidade foi uma base produtiva em que o trabalho adquire a sua primeira forma plenamente humana. O que é o trabalho plenamente humano? A única característica humana do trabalho é a prévia ideação. E, no modo de produção capitalista, o trabalho como prévia ideação se chama ciência. A base produtiva está assentada na ciência no modo de produção capitalista. Esse trabalho humano, chamado prévia ideação, que na sociedade capitalista Marx chamou de “intelecto geral” vai ser o

⁷ ANTUNES. Ricardo. Obra não publicada.

fundamento da vida dos homens no futuro. Então, nós não teremos mais preocupações com o mundo das necessidades, porque nós teremos uma base produtiva capaz de produzir o que desejamos, na hora e na quantidade e no lugar que for necessário, não em função do lucro ou do salário. Nesse sentido, os homens não vão se preparar para o trabalho, os homens vão se preparar para viverem numa outra sociabilidade, que chamamos comunista. Os homens não vão se preparar para o trabalho até então conhecido, os homens vão se preparar para o trabalho humano, para a prévia ideação, para o intelecto geral, vão trabalhar humanamente para viverem como homens plenamente desenvolvidos. É o primeiro momento empírico que o homem põe o “trabalho” como meio de vida, porque até então o trabalho se apresentava como instrumento de exploração. Neste sentido, a minha colocação de que o futuro da humanidade, no pós-capitalismo, está noutra universalidade, no “tempo livre”. Não o “tempo livre” criado no e pelo capitalismo, porque muito das pessoas que adquirem a condição de aposentado, no caso específico dos brasileiros, não sabe o que fazer com o seu tempo. A sociedade não está organizada para uma vida dos “homens livres”, de poder fazer o que desejam, a não ser quando estão em férias e vão para as praias ou vão pescar, aí eles sabem o que fazer. Na sociedade, por exemplo, quando chega um feriado, ou nos domingos, as cidades morrem, porque a cidade está estruturada para o capital, que é trabalho acumulado, e não para os homens livremente associados.

Dauto: São educadas para o trabalho...

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Na sociedade burguesa os homens são educados para o trabalho e a estrutura da sociedade é para o trabalho, não é uma estrutura para as pessoas como seres de “tempo livre”, para se encontrarem, para dialogarem, para aprenderem, para se interarem ou, enfim, para viver. Então, a sociedade do futuro, do pós-capitalista será uma sociedade onde a organização da cidade, de tudo, será uma organização de homens livres conscientemente unidos. Como será isso, os homens têm que construir, não há uma prévia ideação saber como será. Os homens terão que construir o espaço do “tempo livre”, será coisa de séculos.

Dauto: Prof. Idaleto, você gostaria de fazer as suas contribuições finais?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Eu quero deixar esclarecido um ponto que é problemático, é polêmico e é pouco esclarecido no diálogo da transição de uma sociedade capitalista para uma superior a ela, a comunista. Veja, em qualquer linha de pensamento, se compreende que o modo de produção capitalista, engendrou, criou, produziu os seus próprios homens: os homens burgueses. Eu vou só colocar dois: os homens burgueses, assalariados e capitalistas, o proletário e a burguesia são homens criados pela sociedade capitalista. O homem capitalista e o homem assalariado não foram criados nas sociedades pré-capitalistas. A sociedade capitalista prescinde dos escravos, dos servos, dos senhores dos escravos, dos senhores das terras. A sociedade pós-capitalista vai prescindir dos homens burgueses, então, a sociedade pós-capitalista, eu vou chamá-la de comunista, criará os homens comunistas. Os homens comunistas não serão os homens da sociedade capitalista; os homens comunistas não são os homens operários, não são os proletários do mundo burguês. Muitos teóricos não compreenderam isso no século XX, principalmente o Movimento Comunista Internacional. Eles pensaram e afirmaram que o homem do futuro era o homem do chão da fábrica, operário, que o capitalismo estava engendrando o homem do futuro ao engendrar o operário. Eu tenho dito que o operário fabril da grande indústria moderna é o homem atingido pela plenitude da alienação, pela plenitude da mediocridade humana. Portanto, a construção de uma sociedade pós-capitalista tem que se fundamentar neste grupo de pessoa, os operários, porque ele está desprovido de qualquer materialidade, de qualquer vínculo com a materialidade produtiva: dos meios de produção, do trabalho e do produto do trabalho, de qualquer vínculo com a propriedade privada, com a tradição, com o costume e ele só tem vida na relação com outros seres humanos. Mas, sendo ele agente para uma sociedade futura tem que se destruir como operário. Está é uma afirmação marxista fundamental que nós temos que apreender na luta política na transposição da sociedade capitalista para a comunista. A sociedade comunista não pode estar assentada no chão da fábrica ela tem que estar assentada no homem de outro tipo que ela mesma vai construir.

Para fazer isto ela tem que destruir os elementos da sociedade burguesa. Quais são os elementos da sociedade burguesa? Os homens capitalistas, os proprietários privados de meios de produção e os homens assalariados, os não-proprietários dos meios de produção. Eu quero deixar bem explícito para você, Dauto, que a transição, que eu venho discutindo, pressupõe a auto-destruição da classe proletária, somente assim é que a sociedade burguesa será destruída. Só se auto-destruindo como classe é que ela vai destruir o modo de produção capitalista. Enquanto ela não se auto-destruir como classe ela não cria a universalidade do tipo de homem comum, comunista, ainda que a base material para tal já esteja dada historicamente.

Dauto: Historicamente, que tipo de indicações e tendências você observa na sociedade moderna que aponta para a destruição de classe?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: A indicação mais viva que eu vejo hoje é o desemprego. Veja que até o advento da revolução industrial inglesa do século XVIII ao XIX se destruíam as formas precedentes dos homens trabalhadores diretos, (os camponeses, os artesões e os escravos) e se transformavam em homens assalariados. Quanto mais expandia o capital industrial produtivo, mais assalariados. A partir de um determinado momento do século XX, vamos colocar isso após a Segunda Grande Guerra Mundial, nós vemos um avanço da ciência como base produtiva e a degeneração do assalariamento, o que muita gente chama de precarização do trabalho eu chamo de degeneração do assalariamento. Quando se falou do desemprego, você vê que nós temos o capital crescendo a uma taxa assustadoramente e a desnecessidade dos homens assalariados. Na Europa ocidental como que você resolveu a questão da desnecessidade de assalariados? Não limitando a reprodução biológica das pessoas, das famílias, se de família eu posso chamar, mas sim criando fluxos migratórios para o mundo inteiro. Então, você cria um mundo de gente que Marx chamou de “Exército Industrial de Reserva”. “Exército Industrial de Reserva” é a degeneração do proletário pelo capitalista, pelo modo de produção capitalista, no interior do modo de produção capitalista, desnecessidade desta classe como base produtiva. Daí a contradição da

sociedade burguesa, então, a forma de você destruir o assalariamento é criar uma base produtiva em que o homem se faz uma desnecessidade como força de trabalho e sobrando como única possibilidade do trabalho, como “intelecto geral”, como ciência. Não é dar sentido, ou humanizando, ao trabalho, é acabar com o assalariamento. Este é o único caminho possível empírico a superação do modo de produção capitalista.

Dauto: Quanto maior o “Exército Industrial de Reserva” mais perto da destruição do pleno emprego nós estaremos?

Prof. Dr. Idaleto M. Aued: Quanto maior o “Exército Industrial de Reserva”, mais nós estamos criando o homem medíocre, desvinculado da condição de ser assalariado, de ser camponês, de ser artesão, de ser capitalista, de ser homem primitivo. Mais próximo nós estaremos da única forma de ele produzir a sua vida que é ficar em contato com outros homens. E a forma de ele ficar em contato com outros homens, ao deixar de ser assalariado, no modo de produção capitalista, é através do aparelho do estado. Então, o aparelho do estado passa a ser o nexos possível dele se produzir, através das políticas públicas, não é o comunismo ainda, embora não seja o capitalismo em sua pureza é o que eu chamo de espaço transitório, não é mais a velha sociedade, mas também ainda não é a nova, comunista. As cooperativas dos trabalhadores, tendo por base a grande indústria moderna, é outro caminho. Mas há outros empiricamente observáveis, é meu campo de pesquisa.